

KARL MARX E A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL NO REINO UNIDO**KARL MARX AND THE EXPLOITATION OF CHILD LABOUR IN THE UK****KARL MARX Y LA EXPLOTACIÓN DEL TRABAJO INFANTIL EN EL REINO UNIDO** 10.56238/revgeov16n4-054**Daniel da Rosa Eslabão**

Doutor em Sociologia, Doutorando em Filosofia

Instituição: Universidade do Porto (UP), Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

E-mail: sociologiabrasil@yahoo.comOrcid: <https://orcid.org/0000-0002-1866-2606>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0399304781191201>**Jaqueline Carvalho Quadrado**

Doutora em Sociologia

Docente

Instituição: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

E-mail: jaquelinequadrado@unipampa.edu.brOrcid: <https://orcid.org/0000-0002-5220-3710>Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5517768446912195>**RESUMO**

Este artigo visa estudar as observações de um dos pais do pensamento sociológico moderno, Karl Marx (1818-1883), em relação aos casos deploráveis de exploração do trabalho infantil, verificado, sobretudo, no Reino Unido do século XIX. Nossa investigação, de cunho teórico e bibliográfico, é focada no livro primeiro de O Capital, o único que chegou a ser publicado no período de vida do autor (1867), sendo os demais volumes organizados e lançados postumamente (NETTO, 2020). Concluimos, a relevância e atualidade de sua análise em descrição pertinente e abrangente. Entendemos que, o autor se mostrou especialmente sensível ao tema do trabalho de crianças e jovens advindo do proletariado e seus efeitos sobre este segmento populacional. Sendo este aspecto, tema menos lembrando nas investigações acerca do pensamento marxista.

Palavras-chave: Desigualdades Sociais. Luta de Classes. Proletariado. Trabalho Infantil.

ABSTRACT

This article aims to study the observations of one of the fathers of modern sociological thought, Karl Marx (1818-1883), in relation to the deplorable cases of exploitation of child labor, verified, above all, in the United Kingdom of the nineteenth century. Our investigation, of a theoretical and bibliographical nature, is focused on the first book of Capital, the only one that was published during the author's lifetime (1867), the other volumes being organized and released posthumously (NETTO, 2020). We conclude, the relevance and timeliness of its analysis in a pertinent and comprehensive description. We understand that the author was especially sensitive to the theme of the work of children and young

people coming from the proletariat and its effects on this population segment. Being this aspect, theme less remembering in investigations about Marxist thought.

Keywords: Social Inequalities. Class Struggle. Proletariat. Child Labour.

RESUMEN

Este artículo se propone estudiar las observaciones de uno de los padres del pensamiento sociológico moderno, Karl Marx (1818-1883), sobre los deplorables casos de explotación laboral infantil, observados principalmente en la Gran Bretaña del siglo XIX. Nuestra investigación teórica y bibliográfica se centra en el primer libro de El Capital, el único publicado en vida del autor (1867), y los volúmenes restantes se organizaron y publicaron póstumamente (NETTO, 2020). Concluimos que su análisis es relevante y oportuno, con una descripción completa y pertinente. Entendemos que el autor fue particularmente sensible a la cuestión del trabajo infantil y juvenil proveniente del proletariado y sus efectos en este segmento de la población. Este aspecto es un tema poco abordado en la investigación sobre el pensamiento marxista.

Palabras clave: Desigualdades Sociales. Lucha de Clases. Proletariado. Trabajo Infantil.



1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a questão do trabalho e da exploração infantil foi considerado, como algo natural em muitas sociedades. Sendo os juvenis considerados aptos ao trabalho, desde muito cedo, ao acompanhar seus pais em tarefas cotidianas. Aos olhos da sociedade moderna do século XXI, a sensibilidade em relação a tais situações tem ensejado leis de proteção à infância, que se implantaram tardiamente em países periféricos do sistema mundial. Tais questões se tornaram evidentes em primeiro plano em países nos quais a aglomeração de trabalhadores e sua exploração foram mais intensas, nos quais havia alguma liberdade para a crítica social e condições para o debate público. Emergindo este tema em periódicos e mesmo no debate parlamentar. Este foi o caso observado por Karl Marx no período no qual residiu e encontrou abrigo no Reino Unido. Sendo aquele país, naquele período, a linha de frente do desenvolvimento capitalista industrial.

Os clássicos, assim se denominam, porque algo do que narram ou refletem, se mantêm atual, tempos depois de sua passagem. Veremos no presente estudo, narrativas de situações de exploração e exclusão. Denúncias de fatos que remontam meados do século XIX, mas que, estranhamente, cento e cinquenta anos depois, continuam a ocorrer, senão nas ilhas britânicas, em diversos países ao redor do mundo, no tempo que vivemos. Para entendermos os fenômenos sociais da atualidade, por vezes é necessário reportar a pensadores que precederam nossa época. Demonstrem atualidade. Apresentam em quadros específicos e datados situações verificáveis alhures.

Este artigo é o primeiro de uma série de três estudos centrados no livro primeiro de *O Capital*, no Brasil em dois tomos. Temos como meta encaminhá-los para publicação ainda neste ano de 2023. Sendo este inaugural voltado a análise do tema do *trabalho infantil* na referida obra, o segundo, dedicado ao tema da *educação* e o terceiro a *exploração feminina* no capitalismo industrial britânico do século XIX. Utilizaremos em alguns momentos de nossa análise termos oriundos da teoria do sistema-mundo, entendendo a mesma como um esforço teórico de atualização de conceitos e percepções já presentes nas concepções marxistas.

Nossa pesquisa verificou a relevância e pertinência da obra em foco, para a compreensão de temas sociológicos e questões sociais verificadas atualmente, como: migrações, pobreza, diferenças de classes, dentre outras. No entanto, estes temas não serão desenvolvidos com a justificativa de mantermos os olhos no recorte proposto.

Encontramos na obra *O Capital*, o crivo da acurada observação deste pensador alemão. Sendo este livro, considerado por muitos estudiosos, seu livro mais abrangente, embora fazendo parte de um projeto muito mais amplo, que lamentavelmente ficou inacabado. Vemos neste texto a incorporação teórica de autores diversos, desde a filosofia até a economia política. Com interlúdios pela literatura e outras ciências. Hoje em dia, Marx é considerado um dos protagonistas da Sociologia. Sendo seus



escritos de interesse a diferentes campos de investigação. Fonte indispensável na formação de cientistas sociais de diversas áreas.

Não obstante, a abrangência de seus estudos, alguns campos de análise têm sido privilegiados em detrimento de outros, menos lembrado, mesmo pelos especialistas. Entendemos que uma justificativa plausível para isso está na densidade teórica de seus textos, que exigem dos estudiosos atenção rigorosa. Mesmo assim, vemos nos mesmos, recortes de aspectos peculiares da vida do operariado inglês e britânico em geral. Sabemos que esta atenção as questões insulares eram também de apreciação de seu colega intelectual Friedrich Engels.

Como destaca Georg Plekhânov, as preocupações de Karl Marx, com as questões econômicas e a exploração vigente na Europa do seu tempo, estão presentes desde as obras da juventude do autor, tais como a *Miséria da Filosofia* (1847), e visível no *Manifesto do Partido Comunista* (1848), evidentemente (PLEKHÂNOV, 1989). No entanto, percebemos, que o intercuro biográfico do autor ter residido mais da metade da sua vida nas ilhas britânicas, em um período no qual eram a linha de frente do desenvolvimento capitalista, lhe proporcionou perspectiva privilegiada, acesso a dados diretos do que ali ocorria e se apresentava como tendência a ser implantado em outros países. A Inglaterra foi o berço da revolução industrial e, durante o período em que Marx ali viveu, uma das mais importantes frentes de expansão da tecnologia e da incorporação de força de trabalho ao espaço fabril que ali prosperava (NETTO, 2020). Após ter sido expulso de seu país natal, a Renânia prussiana e da França, ele residiu em Londres, no ano de 1849. Vivendo nesta cidade mais da metade de sua vida e tendo a sua disposição dados atualizados das transformações em curso nesta importante capital europeia. Com acesso às notícias de jornais, livros e relatórios governamentais, se valeu destas informações para produzir sua obra de *Crítica da Economia Política*. Em *O Capital*, ele analisa as estruturas de produção e circulação dos recursos e da riqueza social, de modo desigual distribuído entre as classes sociais. Verifica as condições de vida e expropriação do trabalhador industrial britânico e denunciando as dramáticas circunstâncias geradas no abismo de tais assimetrias. Com um olhar atento, de cientista social, destaca não apenas as leis econômicas, pelas quais costuma ser lembrado e estudado, como também recortes menos comentados do cotidiano do capitalismo industrial. Dentre estes, as situações de extrema exploração da fração juvenil do proletariado.

Os estudos realizados por Marx nesta área, perfazem diversos ramos de atividades as quais se empregavam crianças. Mesmo em um período no qual a exploração extrema do trabalhador era vigente e ampla, tais questões chamaram a atenção do governo do Reino Unido e repercutiram por sobre a opinião pública esclarecida que acompanhava nos tabloides da época o tema. Vemos, em *O Capital*, análise qualificada do autor, baseado principalmente em Relatórios oficiais do governo, oriundos de Comissões especiais designadas para investigar tais situações. Resultaram de tais esforços a gradual implantação de legislação específica que foram gradualmente aplicadas. Inicialmente, restringiriam a



idade para o trabalho em setores delimitados de atividades, mais tarde sendo ampliadas. Depois, estabeleceram a obrigatoriedade do ensino, mas inicialmente sem maiores atenções em relação à qualidade oferecida. Um fato triste, mas verdadeiro, apresentado pelo autor diz respeito ao infanticídio e a morte precoce de crianças trabalhadoras, ou que viviam em situação de abandono enquanto os pais se dirigiam ao trabalho.

Não fossem as fontes oficiais da qual se valeu o autor para escrever seu livro mais famoso, talvez pudesse ser acusado de exagero ou parcialidade. Em seu estudo sobre o tema Marx, cita a obra de Friedrich Engels, sobre a condição da classe operária na Inglaterra (*Lage der arbeitenden Klasse Englands*), como fonte de extensiva análise deste assunto (ENGELS, 2008, MARX, 2014).

A sociologia contemporânea demonstra o quanto o desenvolvimento humano carece de tempo e investimento, para atingir sua plenitude. Embora a teoria sociológica ainda debata acerca das terminologias mais adequadas para expressar a *linha* ou o *ciclo* de vida de nossa espécie, cada vez mais, nas sociedades ocidentais prevalece o entendimento que, tanto os períodos de lazer e ócio, quanto a destinação de um período da existência destinado aos estudos, profissionalização e desenvolvimento de habilidades e competências básicas são fundamentais. As lutas sociais, e mesmo os arroubos revolucionários que vimos em larga escala ao longo do século passado e retrasado, tiveram entre suas reivindicações a demanda por distribuição mais equânime dos recursos sociais. Nem sempre significando apenas melhores salários, mas também condições dignas e seguras de trabalho e uma porção remunerada de tempo livre. Haja vista as jornadas extenuantes as quais eram submetidos os membros da classe trabalhadora durante a revolução industrial. Marx, chega mesmo a comparar tais regimes de exploração ao da escravidão. No entanto, estes casos ganham contornos ainda mais degradantes quando vemos que estas situações eram estendidas aos segmentos juvenis da sociedade. Neste artigo, analisaremos uma seleção de comentários realizados pelo eminente economista político, filósofo e crítico social a esta questão, conforme podemos coletar no livro primeiro de sua obra de maior repercussão: *O Capital*. Notamos que as considerações do ilustre pensador, mais tarde aclamado como um dos fundadores da ciência sociológica, abarca os campos de reflexão acerca da dignidade, das desigualdades e dos grilhões das engrenagens econômicas as quais a classe trabalhadora se encontrava até então aprisionada.

Quando vemos, em nossos dias, o debate em torno de experimentos sociais de redução ainda maiores que as vigentes oito horas diárias de trabalho ou mesmo as propostas de semanas reduzidas, com quatro dias trabalhados, observamos que este é um tema antigo, que remonta a era industrial em que Marx viveu. Faz-nos pensar, que, haja vista o avanço tecnológico auferido nas sociedades do século XXI, já haveríamos de ter este recurso precioso do tempo livre, mais bem distribuído. Observamos que, boa parte dos testemunhos realizados pelo incansável defensor do proletariado teve como fontes relatórios oficiais do governo do Reino Unido, produzidos por fiscais de fábrica que

testemunhavam e denunciavam ao Estado as condições degradantes das unidades fabris por todo aquele país. Refletindo acerca disso, notamos, de um lado, o interesse governamental em conhecer tais realidades, que em uma sociedade democrática era, ao menos, tornado público e documentado ao dispor do público. Com o passar do tempo, e mediante diversos mecanismos de luta de classe, desde a greve até a participação política, em um ritmo lento, o quadro social e das evidentes desigualdades, se alteraram. Ressaltamos, entretanto, que seria necessário o advento do quadro bélico e de incertezas do século posterior para que apenas na década de 1940, o *Welfare State*; de fato, vigorasse nas ilhas britânicas. Sendo a denúncia social realizada por Marx e outros pensadores do período de fundamental relevância ao entendimento destes momentos da sociedade industrial daquele tempo (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, WALLERSTEIN, 2007, ENGELS, 2008).

Ao apontar casos de exploração extremada, condições vis de trabalho exigido acima das forças e possibilidades de corpos ainda em formação, observamos a atualidade do autor. Pois em muitos lugares do mundo moderno, mesmo no Brasil, práticas semelhantes ainda é realidade.

2 O TRABALHO INFANTIL EM *O CAPITAL*

O primeiro livro de *O Capital* foi organizado de modo metódico. Em nossa leitura, deste inescapável livro, fundamental a formação de qualquer cientista social, percebemos que a questão do trabalho infantil somente despontará no capítulo sétimo, o qual o autor dedica ao entendimento do tema da *mais-valia*. Sendo aprofundada no capítulo treze, a versar sobre *A maquinaria e a indústria moderna*. Ali encontramos uma seção inteira dedicada ao estudo acerca da apropriação do capital das forças de trabalho suplementar (MARX, 2014), em destaque ao trabalho das mulheres e das crianças. Embora seja um tema desenvolvido em maior profundidade em partes específicas do primeiro volume do livro, vemos referências constantes ao tema em momentos dispersos do mesmo. Chamando a atenção a aguçada percepção de Marx, do quanto o emprego do maquinário moderno se torna um meio de incorporação a força de trabalho das parcelas da população que noutros contextos não se dedicariam a estas jornadas no contexto fabril. Lemos, nas palavras do autor:

O ponto de partida da indústria moderna (...) é a revolução do instrumental de trabalho (...). Tornando supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompatível, mas com membros mais flexíveis. Por isso, a primeira preocupação do capitalista, ao empregar a maquinaria, foi o de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças. Assim, de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores a maquinaria transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de assalariados, colocando toda a família do trabalhador, sem distinção de sexo ou idade, sob o domínio direto do capital (MARX, 2014, p. 451).

Em nosso entendimento, este é o ponto de partida essencial para compreender como a maquinaria industrial, que dispôs inicialmente forças poderosas de produção de riquezas e potencialmente libertadora para o trabalhador, acabou por se tornar não apenas em sua prisão, como



estendeu este agrilhoamento as frações de classe que, pelos costumes se encontravam alheios a este escopo de atividades. Vemos ainda, na referida citação, um elemento que não faz parte de nosso recorte de análise, referente a incorporação do gênero feminino as atividades industriais. Retomando ao objeto de nosso artigo, complementa: “O trabalho obrigatório, para o capital, tomou o lugar dos folguedos infantis e do trabalho livre realizado, em casa, para a própria família dentro dos limites estabelecidos pelos costumes” (MARX, 2014, p. 451).

A indústria e o maquinário moderno, libertaram forças poderosas, com o potencial libertador, mas que ao seu tempo não havia se manifestado. Ao contrário, produziu condições mais duras de vida em relação a períodos precedentes. Não satisfeito em incorporar ao exército industrial homens e mulheres, as crianças agora eram requisitadas.

Embora não seja o foco deste estudo, julgamos relevante salientar que o operariado não assistiu passivo tais manifestações de opressão. Em muitos momentos, havia se rebelado, como ocorreram nos levantes verificados na Europa em 1848 ou em 1871. Ambos ocorreram no período em que o autor viveu. Tendo tecido seus comentários sobre eles em obras conhecidas. Embora, lembramos, este primeiro volume de *O Capital*, tenha sido publicado em 1867, antes dos efeitos políticos da Guerra Franco-prussiana. Entendemos, o quanto para o autor parecia evidente que, em algum momento, haveria de chegar o dia de uma mudança drástica no sistema de produção da realidade material da existência humana. Os sinais desta insatisfação eram visíveis em casos relatados de Lockout, sabotagem contra o maquinário ou ainda em movimentos grevistas. A disposição da classe operária em se opor e transformar a realidade econômica e política também podia ser vista através da organização da mesma em organizações que defendiam seus interesses e na obra de autores que, como Marx e Engels se propunham a oferecer as bases intelectuais de tal transformação almejada.

Acerca dos efeitos desta incorporação familiar ao ofício fabril, destaca ainda o quanto a divisão do trabalho pelo todo familiar produziu um duplo efeito: de um lado trouxe ao mercado laboral mulheres e crianças. Noutro extremo, ao diluir a remuneração ao conjunto do agregado do lar, desvalorizou o trabalho do adulto. A redução da remuneração média do valor do trabalho, produz este efeito que para o autor é definido como *força de trabalho excedente*. Termo aplicado aos trabalhadores juvenis e as mulheres. Em termos pesados, mas realistas, ainda afirma: “Assim vendia o trabalhador sua própria força de trabalho, da qual dispunha formalmente como pessoa livre. Agora, vende mulher e filhos” (MARX, 2014, p. 453).

As situações nas quais o autor aproxima a realidade de seus contemporâneos britânicos as condições análogas à escravidão, são recorrentes neste livro. Cita, como exemplos, os casos dos anúncios de jornais, que oferecem trabalho nas indústrias e que exigem a *aparência* de ao menos treze anos, aos candidatos. Pois, a legislação daquele período, limitava os turnos de trabalho de crianças com idade de doze anos ou menos, a não mais que sei horas. Salientamos o termo *aparência*. Como



ardil, para ludibriar os fiscais de fábricas que averiguavam tais situações. Alguns quadros narrados pelo pensador germânico radicado no Reino Unido, nos pareceriam ficcionais, se não houvessem tantos dados históricos e fontes disponíveis a provar sua veracidade. Ao menos, aos nossos olhos modernos que olhamos para o velho mundo como referência como modelo de civilização. Destacaremos, a seguir, três aspectos que chamaram a atenção em nossa pesquisa: (1) o comércio da força de trabalho infantil; (2) a insalubridade dos ambientes industriais e (3) o incremento dos casos de mortalidade infantil.

Ao se referir aos eventos de comércio de mão de obra verificados em um bairro fabril da capital britânica, *Bethnal Green*, assevera que neste “Distrito mal afamado (...) todas as manhãs de segunda a terça-feira, realiza-se publicamente leilão em que crianças de ambos os sexos, a partir de nove anos se alugam diretamente as fábricas de Londres” (MARX, 2014, p. 454). A este respeito salienta os seguintes aspectos: a baixa remuneração oferecida, o fato do dinheiro ser pago aos pais e a precariedade do vínculo, uma vez que as contratações eram efetivadas pelo período de apenas uma semana. Imaginamos que em se tratando de um leilão de força de trabalho, os lances tenderiam a ocorrer de modo decrescente.

Embora, existissem leis que limitavam o quanto de horas de trabalho uma criança poderia empregar seu dia, estas leis eram restritas a alguns segmentos da indústria e muito lentamente ampliado a outros setores. Sendo fácil imaginar, a migração entre estes setores enquanto tais leis se estendiam. Pois, conforme bem-sabido na lógica filosófica, liberdade e necessidade se encontram em campos opostos. Sempre que aumenta a segunda, a primeira tem suas possibilidades reduzidas. Sobre isso, uma frase do autor nos chamou a atenção: “Apesar da legislação, 2.000 garotos, pelo menos, são vendidos pelos pais, na Grã-Bretanha, como máquinas vivas de limpar chaminés (...)” (MARX, 2014, p. 454). Ainda, comenta, que em havendo inúmeros órfãos na capital inglesa. Mulheres: “Tomam garotos aos asilos e os alugam a qualquer comprador (...) por semana” (MARX, 2014, p. 454). Descreveremos, em seguida, alguns quadros do cotidiano infantil nos ambientes de fábrica. Lembrando que a fração juvenil se encontrava exposta as mesmas circunstâncias de baixa salubridade as quais também os adultos tinham de labutar. Em agravante a fragilidade dos seus corpos ainda em formação. Números elencados pelo autor, em relação à mortalidade infantil, são quase cifras de guerra, se elevando a escala das dezenas de milhares de óbitos registrados anualmente nos distritos industriais da Inglaterra. Em alguns casos, como os de Wisbeach ou Manchester, excedendo vinte e sei mil óbitos infantis por ano. Refletimos que uma parte desta mortalidade poderia ser causada pela ausência dos cuidados maternos. Uma vez que, como relata: “A taxa de mortalidade mais reduzida se encontra naqueles distritos agrícolas onde é mínimo o emprego de mulheres” (MARX, 2014, p. 455). Em nosso entendimento, o menor emprego da força de trabalho feminina, naquelas condições peculiares, aumentava, em tese, sua proximidade e cuidados com a prole, resultando em menores taxas de

moralidade. Sendo esta uma hipótese a verificar. No mesmo livro, Marx também relata o caso de trabalhadoras rurais que, tendo seu local de trabalho distante das aldeias nas quais residiam, acabavam por cuidar menos de sua prole. Havendo relatórios que se atinham ao fato de que a revolução na indústria produziu profundas transformações no modo de vida das populações rurais.

Observamos ainda, outra curiosidade, o fato de dois pensadores relevantes de modo excepcional para a ciência moderna, como o próprio Marx e Charles Darwin, usarem dados estatísticos para comprovar suas teses. Procedimento analítico comparado, também usado para seu objeto de estudo por Durkheim ao investigar a gradientes de dados em diferentes populações (DURKHEIM, 2000). Sendo recurso ainda hoje empregado; por vezes com o auxílio de programas analíticos digitais. Em nosso entender, este é aspecto relevante, de aproximação procedimental a aproximações das ciências sociais da matemática. Gerando assim recursos de validação, comparação e verificação das informações auferidas. Incluindo as possibilidades de revisão nos estudos. Sendo uma tendência para a sociologia do período, esta aproximação. Não sendo a única perspectiva, mas fundamental para o reconhecimento da sociologia como campo científico.

Acerca das condições de trabalho infantil, Karl Marx analisa diferentes contextos, nos quais este era empregado. Citando o exemplo das olarias, nas quais eram fabricados tijolos e telhas, faz a seguinte afirmação, no qual ressalta a sazonalidade da mesma, haja visto as condições climáticas das ilhas britânicas, com sua umidade, chuva e frio característicos:

Entre maio e setembro, o trabalho dura das 5 horas da manhã até as 8 da noite, e, quando a secagem se faz ao ar livre, muitas vezes das 5 horas da manhã até as 7 da noite é considerado reduzido, moderado. São empregadas crianças de ambos os sexos, de 6 e até 4 anos. Trabalham o mesmo número de horas dos adultos; muitas vezes mais. Numa olaria (...) uma moça de 24 anos fazia por dia 2000 tijolos, ajudada por duas meninas que traziam o barro e arrumavam os tijolos. Estas meninas transportavam diariamente 10 toneladas de barro (...) (MARX, 2014, p. 527).

Estas duras condições laborais são difíceis de imaginar. Lembrando, que em jornadas tão extensas, não resta qualquer tempo a ser empregado na educação. Observa o autor, o quanto o trabalho intenso em tais ambientes promíscuos, entre adultos e crianças, contribuía para a degradação do espírito. Havendo na obra deste pensador, reflexões acerca de como o embrutecimento causado por contínuos esforços, exigidos desde tenra idade, o transcurso entre juvenis e adultos e os locais nocivos nos quais exerciam suas atividades, expostos desde cedo a fuligem das fábricas, ao frio, humidade e excessivos esforços afetava a formação do seu caráter e sua conformação moral. Entendemos daí a crença, esboçada, de que somente a transformação das estruturas de produção poderia contribuir para o progresso humano. Não vendo qualquer possibilidade de progressão ética e social nas circunstâncias vigentes em seu tempo. São relatos das adversidades as quais eram submetidas as populações mais pobres da maior potência industrial do seu tempo. Em um comentário pessoal do autor, em palavras



duras, mas realistas, observa: “Os pais, mergulhados na miséria e na degradação, só pensam em extrair o máximo possível dos filhos. Estes, após crescidos, não querem mais saber dos pais e os abandonam” (MARX, 2014, p. 533). Lembramos: este é o cenário do capitalismo industrial do século XIX. Pode então, ser observado que, ante o capitalismo industrial vigente, as próprias relações afetivas e familiares estavam a se transformar. Antes das lutas sociais, greves, protestos, revoluções e levantes que forçaram o sistema econômico a amenizar seu ímpeto de exploração. Permitindo um mínimo de dignidade, ao menos nos países de primeiro mundo. Não obstante excessos, sejam constantemente relatados. A atualidade do autor, se mostra nestes casos evidente. Mudando as configurações da exploração, que de muitas maneiras ainda persiste. Em suas palavras: “A exploração do trabalho de (...) crianças, o esbulho de todas as condições normais requeridas pelo trabalho e pela vida (...) constituem métodos de baratear a força de trabalho” (MARX, 2014, p. 534). Vemos, então, o quanto a implantação do regime industrial, alterou os ritmos naturais da vida. Produzindo efeitos antropológicos de obliteração do humano em favor do lucro. Estes efeitos, da mecanização fabril também produziu massas de trabalhadores desempregados. Observa nosso autor: “O aumento horrendo da morte pela fome em Londres, na última década, ocorre paralelo à expansão da costura a máquina” (MARX, 2014, p. 536). Em nosso entendimento do exposto, a fome poderia ser causada tanto pelo desemprego, quanto pela insuficiência das rendas, sem esquecermos dos casos de exclusão devido a outros fatores, tais como o adoecimento de todo tipo. Embora, a grande fome que acometeu a Irlanda na década de 1840, seja um evento marcante no século XIX, observamos que o autor se refere, neste caso, aos subúrbios industriais da capital inglesa. Este quadro conjuntural, de exclusão, miséria e fome descrito pelo autor, a julgar pelas referências em notas do próprio livro, se referem a década de 1860. Sobre sua percepção antropológica e sociológica acerca dos dados estatísticos e seus efeitos diretos por sobre o quadro demográfico geral, aponta o autor: “A quantidade de nascimentos e óbitos e o tamanho absoluto das famílias está na razão inversa do nível de salário e, portanto, da quantidade de meios de subsistência de que dispõe as diversas categorias de trabalhadores” (MARX, 2014, p. 755). Neste momento analítico, o autor irá subdividir em três categorias ou segmentos de classe, na composição do proletariado. Não sendo esta taxonomia relevante ao objeto de nosso artigo. Notamos, contudo, que crianças estão presentes, como trabalhadoras ou dependentes, em todos os casos. Sofrendo diretamente os efeitos de sua inserção ou ausência dela ante o mundo do trabalho. No capítulo treze, de O Capital, vemos um relato curioso, verificado naquela época entre os trabalhadores camponeses, que viviam em “bandos”, deslocando-se de fazenda em fazenda a oferecer seus serviços. Nestes coletivos, também era verificado a presença de crianças, cujo tratamento e a remuneração era discriminatório e pior aos mais jovens.



3 ESCRAVIDÃO INFANTIL

Em muitos aspectos, o regime de trabalho a que eram submetidos os jovens e crianças no Reino Unido no período descrito, poderia ser comparado ao que denominamos hoje “condições análogas à escravidão”, isto é comparável a ela. Marx, se dedicou ao estudo dos dois temas. Em parte, por ser a Inglaterra um dos países responsáveis, por muito tempo, pelo tráfico de seres humanos no contexto Atlântico. Mesmo após as leis que abolicionistas, esta ainda persistiu em muitos países. Em face à Guerra se Secessão, que acometeu os Estados Unidos, na América do Norte, este pensador teceu diversos comentários acerca desta forma de exploração. No capítulo vinte e cinco do livro primeiro de *O Capital*, o autor tece relevante comentários nos quais, primeiro, denuncia o envolvimento ativo da Inglaterra neste comércio imoral. Depois reflete sobre a condição infantil ante abusos e excessos. Como podemos notar: “A Inglaterra conseguiu a concessão de fornecer anualmente à América espanhola até o ano de 1743 (...). Na base do tráfico negreiro, Liverpool teve seu grande crescimento. O tráfico constituiu seu método de acumulação primitiva” (MARX, 2014, p. 881). Agora o autor é taxativo, ao afirmar que: “A indústria algodoeira têxtil, ao introduzir a escravidão infantil na Inglaterra, impulsionava ao mesmo tempo, a transformação na escravatura (...) dos Estados Unidos (...) num sistema de exploração mercantil” (MARX, 2014, p. 881). Sobre este duplo processo, da exploração escravocrata, “sem rebuços”, para citar um termo do autor, ou sob as formas de trabalho assalariado, mal remunerado e a incorporar as frações juvenis do proletariado afirma, parafraseando Auguier, o dinheiro “Vem ao mundo com uma mancha natural de sangue numa de suas faces” (MARX, 2014, p. 881-2). Vemos, então, diferentes formas de acumulação primitiva do capital, através da escravidão direta, sem qualquer dissimulação, tal como ocorreu no continente americano, inclusive no Brasil, última nação do mundo ocidental, a abolir a escravidão; e, outro modo de exploração, através do trabalho extenuante e baixos salários.

O trabalho de juvenis, tais como, denunciado pelo autor de *O Capital*, apresenta-se como uma das faces deste modo de vida imposto em um período nos quais o capitalismo industrial se expandia, sem leis a normatizá-lo ou impor limites. Em nosso modo de ler esta obra de Karl Marx, vemos claramente alguns tópicos principais que parecem guiar a escrita do autor: (a) a crítica social, as formas de exploração do trabalho, incluindo a escravidão, a incorporação do trabalho da mulher e de crianças; (b) a análise minuciosa das estruturas da produção da riqueza através deste modo de produção, formulando conceitos e discutindo com os economistas políticos clássicos e (c) esboços de proposições acerca das possibilidades de um modo de produção e apropriação coletiva da riqueza social.

Ao estudar o caso do sistema capitalista inglês na era industrial, observamos, ainda, que o pensador germânico acompanha e descreve em seu livro a linha cronológica da implantação das leis fabris, que foram inicialmente aplicadas ao setor de tecelagens, mas que depois também passou a reger outros setores. Nestes casos, aponta a presença de crianças, juvenis e mulheres expostos a vis



circunstâncias, acidentes, ambientes insalubres, a impactar sua saúde e, em muitos casos, reduzir a expectativa de vida. Para nos determos em um único, entre a infinidade de exemplos coletados pelo autor, citamos um breve trecho do capítulo treze de seu livro, em uma seção que versa sobre a manufatura moderna, reunindo excertos sobre alguns setores de trabalho:

As manufaturas metalúrgicas em Birmingham (...) empregam em trabalhos na maior parte pesados 30.000 crianças e jovens, além de 10.000 mulheres. São empregadas em atividades insalubres nas fundições de cobre, na fabricação de botões (...). O trabalho em excesso a que são submetidos os adultos e os menores nas impressoras de livros e jornais de Londres conquistou para estes estabelecimentos o famigerado nome de “matadouros”. (...) suas principais vítimas são mulheres, meninas e crianças (MARX, 2014, p. 526).

Além do quadro citado acima, o autor salienta outros casos, tais como “O emprego criminoso de menores, para rodarem os teares, em tecelagens de seda que não são movidas a máquinas” (MARX, 2014, p. 526). O autor também se refere ao trabalho de selecionar trapos, classificado pelo autor como “Um dos trabalhos mais humilhantes, sujos e mal pagos” (MARX, 2014, 526). Matéria-prima oriunda de países estrangeiros, e nos quais o trabalhador se encontrava expostos a contrair diversas doenças, dentre elas a varíola. Patologia hoje erradicada, mas que até o século XX, originou várias epidemias. Embora, o autor aponte várias leis promulgadas na Inglaterra para regular o trabalho infantil, notamos dois aspectos: primeiro o gradualismo em sua implantação; segundo, a necessidade de fiscais, pois as tentativas de burla a estas regras eram constantes.

O único ponto favorável, a ser destacado, em nosso entendimento, a este respeito, é que as autoridades e o Estado britânico estavam atentos a estas realidades, produzindo diversos relatórios oficiais, permitindo o debate público e a denúncia de tais excessos. Sem este aspecto da liberdade, certamente o quadro geral jamais seria alterado. Por estas razões, o próprio Marx relata: “Na fala ao trono de 5 de fevereiro de 1867, o gabinete conservador anunciou que tinha transformado em projetos de lei as recomendações da comissão de inquérito industrial” (MARX, 2014, p. 557). Em referência a um relatório oficial datado de 1842, em paráfrase, descreve as situações encontradas, como: “(...) O mais terrível quadro de avareza, egoísmo e crueldade, por parte dos patrões e dos pais, e da miséria, degradação e destruição, nunca vistas, das crianças e dos adolescentes” (MARX, 2014, p. 557). Observamos que entre 1842 e 1867 haviam se passado vinte e cinco anos. O espaço inteiro de uma geração, para que leis mais abrangentes passassem a proteger a fração juvenil da classe trabalhadora, naquele país. Havendo, ainda, inúmeros outros aspectos abordados pelo autor no que concerne as diferentes atividades em que jovens e crianças eram inescrupulosamente empregados. Vendendo sua força de trabalho e anos preciosos das suas vidas, em troca do mínimo ou menos do que isso, para continuar a subsistir.

Notamos, finalmente, que o autor também nota os efeitos demográficos pavorosos, decorrentes das ondas de fome, verificadas em muitas cidades e regiões britânicas naquele período, cita o caso

extremo verificado na Irlanda que no curto espaço de duas décadas viu sua população reduzir de “8.222.664 habitantes para (...) 5.850.309 em 1866” (MARX, 2014, p. 814). Uma parte emigrada forçadamente, outra parte em óbitos, causados pela grande fome generalizada cujo ano de referência foi 1846 (MARX, 2014). Importante recordar, entre os milhões de acometidos pela fome e miséria naqueles difíceis anos, se encontravam jovens e crianças de todas as idades. Nem sempre lembrados em recortes nas estáticas oficiais. Para não sucumbir aos horrores da fome, houve intenso movimento migratório de irlandeses para diversos países, principalmente em direção a América do Norte. Sendo este fenômeno, uma das causas das grandes aglomerações urbanas verificadas em metrópoles como Nova Iorque ou Boston, na costa atlântica dos Estados Unidos. Em face aos fenômenos migratórios que presenciamos no nosso tempo, refletimos acerca desta capacidade do capitalismo, em todas as épocas, de colocar em movimento milhões de seres humanos, refugiados econômicos a buscar em lugares distantes pão e dignidade.

O relato de Karl Marx, acerca das condições do trabalho infantil e juvenil nas ilhas britânicas do século XIX, empregados em atividades diversas, inclusive a mineração e labores agrícolas, mas em especial no setor industrial, narra um quadro dantesco de exploração primitiva de um estágio de desenvolvimento do capitalismo moderno, antes da implantação de leis mínimas a assegurar limites em termos de idade, jornada diária de trabalho e padrões aceitáveis de higiene em seus ambientes produtivos. Dois outros aspectos relevantes que observamos em nosso estudo e que julgamos importante salientar, diz respeito a preocupação com a educação dos filhos do proletariado, tema que pretendemos analisar em outra oportunidade; ainda destacamos a condição do trabalho feminino. Merecerá em outra oportunidade apreciação. Vemos nos escritos de Marx pujante crítica social, denúncia pública dos ultrajes do mundo do trabalho, conforme pode observar, estudar e analisar. O testemunho histórico de um tempo, que infelizmente ainda ecoa, sob a forma do trabalho em excesso e da incorporação precoce de jovens em um estágio da vida no qual, no entendimento atual, deveriam empregar seu tempo aos estudos e atividade lúdicas, ao invés do labor extenuante a lhe roubar a juventude e a comprometer seus anos futuros.

Percebemos ao longo deste estudo, mecanismos perenes de exploração da força de trabalho humana, seja pela carga em excesso do número de horas exigidas, as alterações nos campos dos afetos humanos e estruturas familiares, em face às exigências de esforços para a sobrevivência. Reservando a uns poucos privilegiados o tempo livre para o desenvolvimento de outras áreas da vida, como o lazer e a instrução. Ressaltamos a atualidade do autor em diversos aspectos; primeiro o quanto o trabalho ou sua ausência continua a ser uma das preocupações básicas do mundo moderno. O potencial libertador da máquina e da tecnologia em geral, refletimos, não tem gerado frutos igualmente distribuídos.



As reflexões de nosso autor sobre o tema escolhido foi detalhada e precisa, baseada em fontes de domínio público como os relatórios de governo e suas comissões. Retratam um tempo distante, mas cujos mecanismos ainda hoje podem ser verificados, em um mundo que se transforma e modifica, mas que em muitos sentidos continua o mesmo. Embora, as relações nos países centrais tenham evoluído, vemos na atualidade, muitas das situações narradas pelo autor hoje vigentes nas regiões periféricas do sistema-mundo. Como exemplos de nossa afirmação estão os casos de abuso e exploração da mão-de-obra infantil, a remuneração aquém da necessidade de subsistência e as desigualdades sociais entre classes em cada nação e entre Estados que apresentam diferentes graus de desenvolvimento em suas estruturas produtivas. A exclusão, que produz a fome e a miséria, tem sido uma das causas dos movimentos migratórios que verificamos nos tempos presentes. A realidade econômica e social da Inglaterra do século XIX, narrada em detalhes pelo autor é um meio de reflexão para os fenômenos atuais: fome, pobreza, migrações.

Os relatos trágicos das condições de vida de crianças e adolescentes, efetuado por Marx, se interpretado sem o devido cuidado, desprovido de maiores reflexões, pode levar a inferências simplistas ao considerar tais situações como negligência de familiares e produto de ordem pessoal e moral, especialmente porque a tendência da ideologia liberal, que sustenta a existência de ricos e pobres como algo natural, desconsidera a dimensão estrutural das desigualdades. A origem dessa problemática é revelada ao invertermos o ponto de partida do abuso e da exploração “É o modo de exploração capitalista que fez do poder paterno, ao suprimir sua correspondente base econômica, um abuso” (MARX, 1984, p. 91).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadros descritos por Karl Marx em sua obra de maior repercussão, *O Capital*, narra o cotidiano do mundo laboral, em nosso recorte, em foco ao universo infantil e juvenil. Estas circunstâncias parecem uma realidade distante, no entanto, estudos atuais mostram o contrário. Segundo o relatório da UNICEF, sobre o *Trabalho Infantil: estimativas e tendências globais de 2020*, o emprego de trabalhadores juvenis aumentou pela primeira vez, desde duas décadas atrás. Havendo hoje no mundo aproximadamente 160 milhões de crianças e adolescentes submetidos a tais circunstâncias, muitas vezes insalubres e extenuantes. Sendo esta situação amais frequente em países em desenvolvimento (UNICEF, 2021).

Notamos então a atualidade do tema, no qual o autor é sagaz ao observar que há uma distribuição desigual do tempo de trabalho e do tempo livre nos casos em estudo. Comenta: “Na sociedade capitalista, consegue-se tempo livre para uma classe, transformando a vida inteira das massas em tempo de trabalho” (MARX, 2014, p. 609). Estas desigualdades no mundo do trabalho, refletem o sistema de classes, a distribuição desigual de recursos não apenas mesuráveis em termos



financeiros, mas que também reflete no acesso à saúde, educação e tempo para viver. As assimetrias na dispersão social destes recursos tende a perpetuar as desigualdades já verificadas, perpassando gerações inteiras, na negação a estratos sociais do acesso a meios de vida digno.

Vemos então a descrição de fatores sistêmicos abrangentes e de longa duração. Embora as denúncias de Marx, estejam circunscritas, especialmente a realidade da Europa industrial do século XIX, o autor nos fornece elementos para pensar nosso próprio tempo. Um alerta, de como a “exploração do homem pelo homem”, pode produzir casos vergonhosos a toda a humanidade. Contribuiu com sua obra para a compreensão científica da economia política e ao mostrar o modo de vida e labor do proletariado inglês, advertiu o mundo acerca das tendências de um regime capitalista em expansão, que alhures se expandia. Estas transformações drásticas nos regimes de vida, nas dinâmicas do tempo e novas exigências econômicas, acabaram por alterar a própria estrutura familiar, impactadas de modo forçado pelas novas estruturas laborais impostas pela máquina e a indústria (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996). Criando assim, uma sociedade moderna, moldada pelas tecnologias e seus desdobramentos, transformando as relações orgânicas do humano com o mundo circundante. Impondo-nos, por assim dizer, uma segunda natureza.

Relevante lembrar, o termo proletariado, deriva de *prole*, pois, para Marx, o trabalhador industrial vivia em tal condição de pobreza, que sua única posse, os filhos. E, ao darmos créditos aos relatos do autor, vemos que mesmo estes, eram, por vezes, vendidos, sob a forma de força laboral juvenil, a perder sua saúde e mesmo a vida ante as degradantes circunstâncias exploratórias a que eram submetidos. Retrato dantesco de um tempo de exploração primitiva do capital, que lamentavelmente em nossos dias, em pleno século XXI, ainda ocorrem em muitos países. Esperamos com este estudo, ter contribuído para uma maior compreensão teórica de um pensador, sempre atual e um dos fundadores das ciências sociais modernas, não obstante sua sólida formação filosófica.



REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. O Suicídio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ENGELS, Friedrich. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. Trad. B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I. O processo de produção do capital. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

_____. O Capital: crítica da economia política. v. 1, t. 2. São Paulo: Abril cultural, 1984.

NETTO, José Paulo. Karl Marx: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PLEKHÂNOV, G. Os Princípios Fundamentais do Marxismo. São Paulo: HUCITEC, 1989.

UNICEF. Child Labour: Global estimates 2020, trends and the road forward. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/child-labour-2020-global-estimates-trends-and-the-road-forward/> Acessado em: 18 de abr. 2022.

WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo e civilização capitalista. Rio de Janeiro: Contraponto: 2007.

